

“Deixem-me trabalhar”. Autarcas de fronteira emitem novo pedido de ajuda para trabalhadores transfronteiriços

A Ponte Internacional que liga Monção e Salvaterra do Miño foi palco, esta manhã, da segunda ação de protesto pela reabertura de mais pontos de passagem entre Portugal e Espanha, dinamizada pelos presidentes dos 12 municípios portugueses e galegos banhados pelo rio Minho. Dois trabalhadores transfronteiriços marcaram presença para testemunhar o impacto do fecho de fronteiras no seu dia a dia, exibindo cartazes com a frase **“Deixem-me trabalhar”**.

O Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial (AECT Rio Minho) sublinhou que *“estas duas pessoas simbolizam tudo aquilo pelo que os autarcas andam a reivindicar. Não se trata de abrir fronteiras de uma forma generalizada para o turismo, mas sim de algo mais justo e preocupante que é os trabalhadores transfronteiriços fazerem uma vida normal. O que está em causa é a colocação de meios para controlar a abertura de mais pontos de passagem”*.

Sublinhando que a ponte *“é uma rua que atravessa o rio Minho, e na qual passam, diariamente, 10 mil carros”*, o Presidente da Câmara Municipal de Monção alertou para o facto de *“os trabalhadores transfronteiriços estarem a sofrer efeitos económicos e pessoais há muitos meses”*. E acrescentou: *“Somos pequenos, somos poucos, mas somos gente. Queremos sobreviver, é já do que se trata. Há já muitos pedidos de ajuda, há pobreza encapotada, a economia está a definhar e o que se pede aos Governos é que ajudem a fronteira, ajudem os povos de*

ambos os lados”.

Cecília Puga, cabeleireira galega com salão em Melgaço há 19 anos, fazia uma viagem casa/trabalho de apenas seis minutos. Com o fecho de fronteiras devido à pandemia Covid-19, a empresária vê-se obrigada a percorrer cerca de 160 kms por dia, tendo de passar no único ponto de passagem aberto nesta orla ribeirinha, em Valença–Tuy, além de demorar muito mais tempo. *“Na semana passada, o SEF não validou a minha declaração e tive de ir a Vigo fazer novo reconhecimento, tendo demorado cinco horas a chegar ao meu posto de trabalho. É uma injustiça”*, disse.

Por sua vez, Vítor Domingues, referiu que, em 22 anos de feirante, na semana passada foi *“a primeira vez que não abriu a caixa, não faturando um cêntimo”*. Presença habitual nas feiras entre Melgaço e Caminha, o feirante que ostentava um cartaz com **“Deixem-me trabalhar”**, afirmou que esta situação está a provocar *“um colapso económico total na raia”* e o que se pede é que *“os governos olhem para o Norte de Portugal e a Galiza”*.



No final ficou a garantia de que, se nada for feito, esta reivindicação vai prosseguir noutras travessias que flexibilizam as milenares relações entre o Norte de Portugal e a Galiza.

De relembrar que a primeira ação de protesto conjunta dos autarcas dos dois lados do rio Minho aconteceu, na passada quarta-feira, 3 de junho, na Ponte internacional da Amizade, que liga Vila nova de Cerveira e Tomiño.